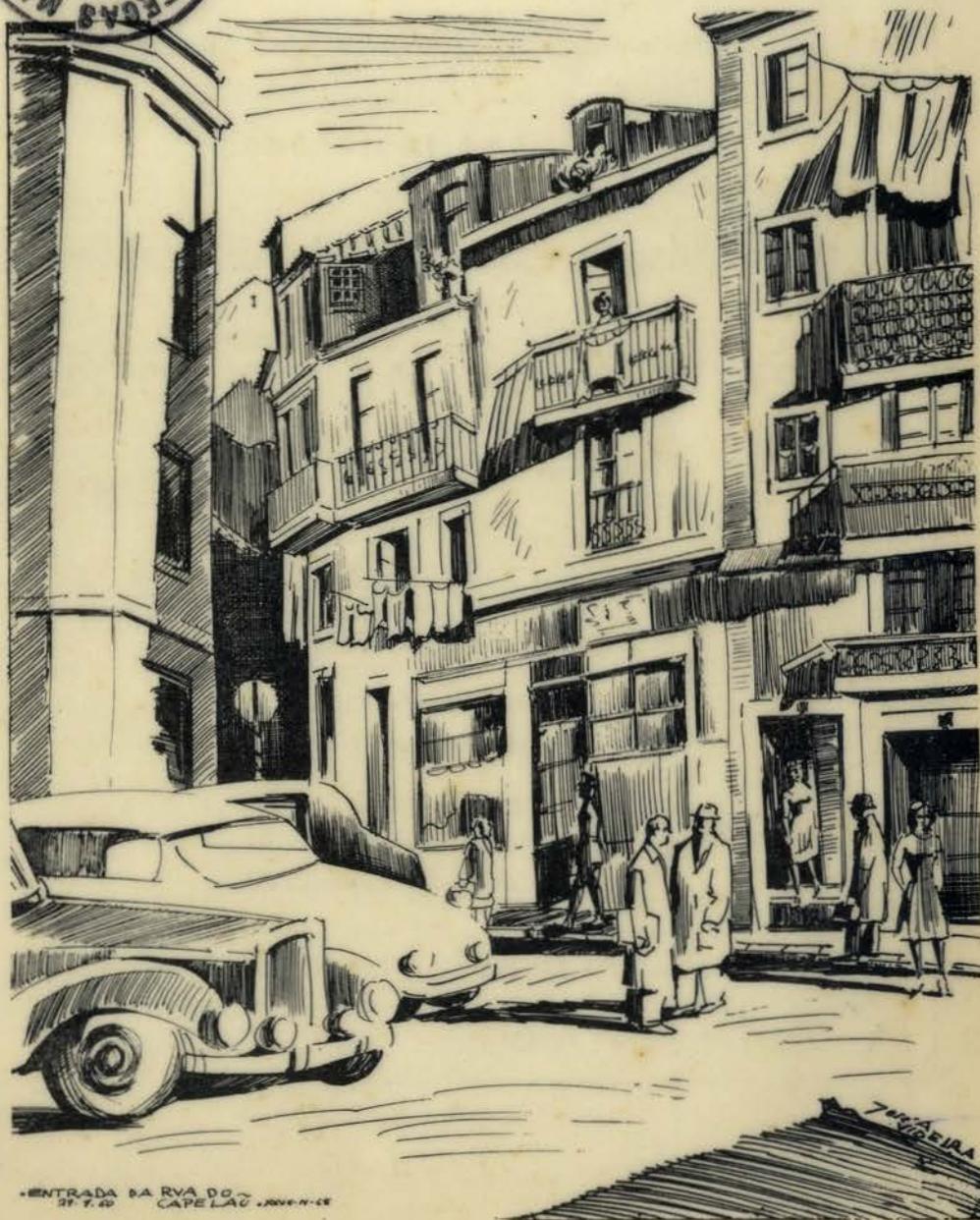


# Olisipo - Boletim do

Grupo AMIGOS DE LISBOA

ANO XXVIII—Abril de 1965—N.º 110



ENTRADA DA RUA DO CAPELAO JOVEN-CE  
27.7.65



# COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

*Com o capital de*

ESC. 294.100.000\$00

Pesquisa e extracção de diamantes

na

PROVÍNCIA DE ANGOLA

em regime de exclusivo

*Sede Social:* LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e

Administrador-Delegado

*Com. Ernesto de Vilhena*

Presidente dos

Grupos Estrangeiros

*Le Baron Pierre Bonvoisin*

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

*Eng. João Augusto Bexiga*

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

*Dr. Silvío Guimarães*

V  
PORTUGAL

VISTA ALEGRE

**PORCELANAS : DE MESA E  
DECORATIVAS**



LOJA — L. do Chiado, 18 — Lisboa  
SEDE — L. Barão Quintela, 3-1 — Lisboa

SENA SUGAR ESTATES, LTD.

*PLANTAÇÕES E FÁBRICAS DE AÇÚCAR EM*

LUABO e MARROMEU

**PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE**



**viaje pela**



**STAR**

**TURISMO  
VIAGENS**

**seguro na**



Os nossos antepassados, quando viajavam, faziam-no com a segurança, rapidez e conforto que os meios de então lhe permitiam . . . As exigências da vida moderna tudo transformaram. Para um eficiente apoio ao apressado viajante dos nossos dias a STAR oferece, através de uma rede mundial de correspondentes, a experiência de todos os seus serviços, e a ATLAS, Companhia de Seguros — a cómoda tranquilidade de um seguro de viagens.

# OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XXVIII

ABRIL DE 1965

NÚMERO 110

Director, o Presidente da Junta Directiva  
FERNANDO FREITAS SIMÕES

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 32 57 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16

## SUMÁRIO

	Pág.
A AUDIÊNCIA CONCEDIDA PELO CHEFE DO ESTADO AOS ÓRGÃOS DIRECTIVOS DOS «AMIGOS DE LISBOA» ... ..	101
SÓCIOS HONORÁRIOS ... ..	103
HOMENAGEM AO DOUTOR EDUARDO NEVES... ..	105
A CASA DE D. JOÃO DA CÂMARA pela <i>Dr.ª D. Jorgete Costa</i> ... ..	106
O MOSTEIRO DE MARVILA por <i>Ralph Delgado</i> ... ..	112
RELATÓRIO DA JUNTA DIRECTIVA RELATIVO AO ANO DE 1964...	121
PARECER DA COMISSÃO DE CONTAS, REFERENTE AO EXÉRCÍCIO DE 1964 ... ..	126
ACTIVIDADE CULTURAL DO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 1965... ..	128
FEIRA DA LADRA ... ..	131
OFERTAS E RECTIFICAÇÃO... ..	134

CAPA: Entrada da Rua do Capelão — *Desenho de J. A. Videira.*

VINHETAS de *J. A. Videira e F. Sobral.*

*Distribuição gratuita a todos os sócios*

*Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores*





*A audiência concedida pelo Senhor Presidente da República  
aos Órgãos Directivos dos «Amigos de Lisboa»*

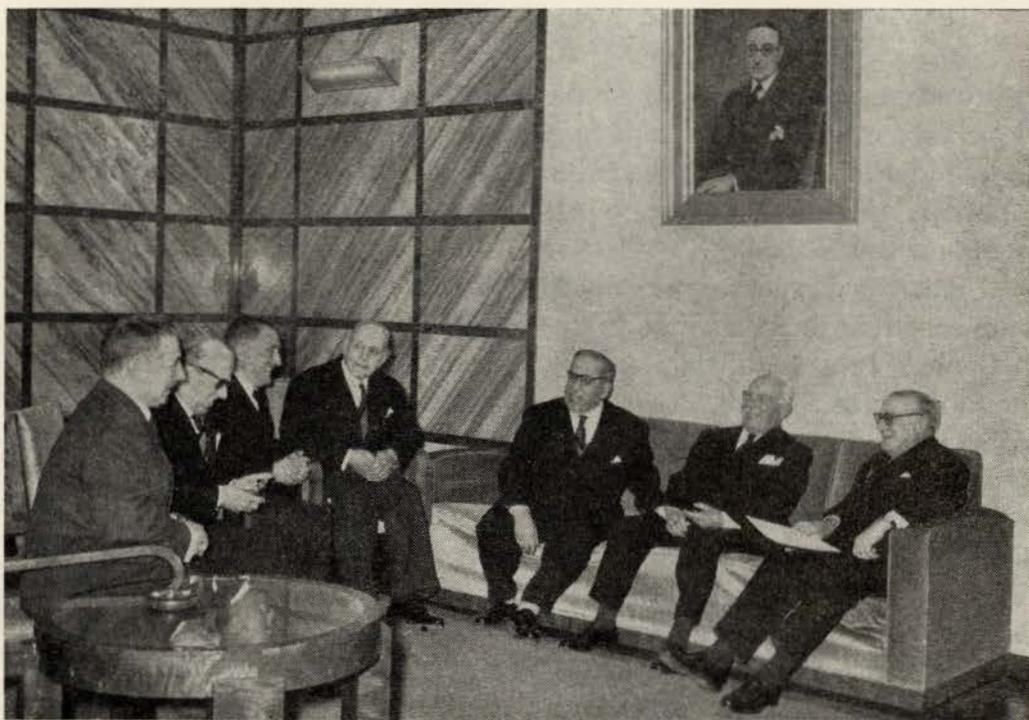
## Sócios Honorários

COMO se refere na notícia da última Assembleia Geral ordinária foram nomeados sócios honorários Sua Excelência o Senhor Presidente da República Almirante Américo de Deus Rodrigues Thomaz, natural de Lisboa, e o *Diário de Notícias*, a propósito do seu centenário.

Para as respectivas comunicações os Corpos Gerentes deslocaram-se, em audiência previamente marcada, ao Palácio de Belém, onde o Senhor Presidente da República recebeu os Srs. Prof. Doutor Fernando Freitas Simões, Presidente da Junta Directiva, e o Presidente da Assembleia Geral Prof. Doutor Raul de Carvalho, acompanhados pelo Director Secretário-Geral Doutor Eduardo Neves, Director Tesoureiro Hugo Raposo, os Directores Coronel Afra Nozes, Dr. Alberto Gomes, Eng. Júlio Eduardo dos Santos, Dr. Caratão Soromenho e Fernando Dias Pereira, o Secretário da Comissão de Contas Sr. Higino Nunes da Silva e os Secretários da Mesa da Assembleia Geral Srs. Joaquim Pascoal Rodrigues e Dr. José Garrido Mendes da Cruz. Na audiência, que decorreu num ambiente de elevada simpatia de Sua Excelência para com o Grupo, foram entregues ao novo sócio honorário o emblema do Grupo em ouro e numa encadernação luxuosa os números de 1964 do nosso Boletim OLISIPO.

Também em audiência particular o Sr. Dr. Augusto de Castro, ilustre Director do *Diário de Notícias*, recebeu os Directores do Grupo

Srs. Prof. Doutor Freitas Simões, Doutor Eduardo Neves, Eng. Júlio Eduardo dos Santos, Hugo Raposo, Coronel Afra Nozes e Dr. Paulo Caratão Soromenho que foram portadores de uma mensagem homenageando o *Diário de Notícias*, a propósito do seu centenário. O Dr. Augusto de Castro, que se encontrava acompanhado do nosso sócio o distinto jornalista Sr. Luís Teixeira, teve palavras de apreço para a obra do Grupo e ofereceu o concurso, sempre tão generoso, do seu jornal, o que por todos foi efusivamente agradecido. Junto se publicam fotografias das respectivas recepções.



*Homenagem ao Diário de Notícias*

# Homenagem

a o

## DOCTOR EDUARDO NEVES

**F**OI recentemente entregue ao Senhor Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves o diploma de membro correspondente do Instituto Brasileiro de História da Medicina, do Rio de Janeiro, de que é presidente o Sr. Prof. Ivolino de Vasconcelos, do qual foi portador o Sr. Prof. António Mendes Monteiro, uma das mais ilustres figuras da moderna medicina do País Irmão, catedrático da Escola de Medicina e Cirurgia daquela cidade e que ocupa o elevado cargo de presidente da Comissão Nacional de Alimentação.

O Prof. António Mendes Monteiro fez também entrega ao Sr. Doutor Eduardo Neves de uma enaltecedora mensagem do Sr. Prof. Ivolino de Vasconcelos, encarecendo os méritos do homenageado e formulando votos em prol da crescente confraternização médica e cultural entre as duas pátrias irmãs.

A direcção de OLISIPO congratula-se por esta justa e bem significativa homenagem ao nosso querido Director Secretário-Geral e apresenta-lhe sinceras felicitações.

A  
CASA  
DE  
*D. JOÃO DA CÂMARA*

*pela* Dr.<sup>a</sup> D. JORGETE COSTA

**O**s juncais, que cobriram durante muitos anos o terreno à beira do Tejo, logo à saída das portas de Alcântara, foram a pouco e pouco desaparecendo, a partir de 1701, com a construção de moradias que D. Pedro II autorizou.

Mas a lembrança dos referidos juncais permaneceu, até aos nossos dias, no nome de Junqueira dado ao bairro que ali nasceu.

Levadas pela beleza do local algumas famílias nobres edificam na Junqueira as suas casas. É então que o Marquês de Niza constrói este palácio, em que nos encontramos e que, alguns anos depois, deve ter passado para a posse dos Condes da Ribeira Grande, pois, em Fevereiro de 1754, já aqui nascia D. Luís António José da Câmara que veio a ser o 6.<sup>o</sup> conde do mesmo título.

Encontramo-nos, portanto, numa casa que deve ter mais de 210 anos de existência. A solidez das suas paredes, cuja espessura chega, em certos pontos, a ser de mais de 1 metro, permitiu-lhe resistir ao terramoto de 1755, mas o tempo, que por ela passou, foi-lhe tirando muito do que de belo certamente possuía.

Apenas a frontaria chegou até hoje sem grandes modificações. Com efeito, as 34 janelas do andar nobre, donde até há pouco se podia contemplar o rio, os dois terraços que ladeiam o corpo central, o frontão, que emoldura o brasão de armas dos Ribeiras, as

varandas de ferro forjado, os balaústres de pedra, conservam ainda a sobriedade, a elegância e a harmonia primitivas.

Interiormente, porém, quanta modificação!

Realmente cerca de 1885 os filhos do 8.º Conde da Ribeira resolvem alugar, para que nele se instale o Colégio Arriaga, o corpo central do palácio, ficando alguns deles a habitar o 1.º e 2.º andares da ala direita e a parte que fica à esquerda da capela.

Anos mais tarde, foi o Liceu D. João de Castro que ocupou as instalações do Colégio Arriaga. Seguiu-se, em 1949, o Liceu Rainha D. Leonor e neste ano lectivo — 1964-1965 — o Liceu Rainha D. Amélia.

A instalação de um colégio e três liceus, ao longo de 80 anos, não se fez sem sacrifícios da velha casa que, continuando a apresentar múltiplos inconvenientes, como estabelecimento escolar, foi perdendo, a pouco e pouco, as suas características de palácio senhorial, das quais só quase restam vestígios.

Será para esses vestígios que chamarei a vossa atenção.

É certo que, para quem gosta de estudar o passado — e os senhores não estariam aqui se não gostassem — as casas do género desta dizem muito. Até as paredes parece que nos falam. A nossa imaginação faz reviver o passado.

Ora é isto, justamente, que vos peço agora: Que a vossa imaginação cubra os soalhos nus com tapetes e passadeiras, coloque reposteiros e cortinados nas portas e janelas, quadros nas paredes, móveis pelas salas. E a velha casa ressuscitará. E remoçará.

Esse terá de ser o vosso papel nesta visita. Eu só poderei ajudar-vos com meia dúzia de apontamentos.

★

Comecemos pelo lugar em que nos encontramos:

Diz-se que este salão, agora simultâneamente sala de festas, refeitório e biblioteca do Liceu Rainha D. Amélia, era o picadeiro da casa. Eu, porém, julgo-o antes o átrio onde as carruagens e os cavalos recebiam e deixavam os senhores da casa ou os seus visitantes. Era ao nível da rua e calcetado, conforme uso do tempo. E tinha degraus que davam acesso, pelo patamar, à escadaria principal.

Esta, pela elegância e suavidade do seu lançamento, pela luz que lhe fornecem várias janelas e uma larga clarabóia, lá no alto, possui, apesar de não muito ampla, uma certa nobreza.

Era ali que, em criança, organizava jogos e representações com os irmãos e primos uma neta do 8.º Conde da Ribeira — Eugénia Cezimbra — que foi depois religiosa de Santa Doroteia e ficou célebre pela energia, inteligência, espírito de iniciativa e bom senso de que deu abundantes provas. Estas qualidades fizeram-na querida pelas Irmãs e respeitada até pelos revoltosos nesses perturbados tempos da extinção das ordens religiosas. E (caso curioso) esta senhora — Madre Monfalim, em religião — nasceu faz hoje precisamente 97 anos, em 7 de Março de 1866, julgo que na sala que é hoje gabinete das professoras deste Liceu e que «era designado então pelo quarto dos morangos, por causa da pintura das paredes» (1).

Pois era ali, nas escadas, que ela organizava as referidas representações a que assistiam as criadas e os primos «sentados nos degraus como em plateia» (2). E não seriam poucos os assistentes pois chegaram a viver nesta casa quarenta e sete crianças, todas primas co-irmãs.

No andar nobre, além do referido quarto dos morangos, muitos outros há cujas pinturas às vezes ainda afloram de sob a camada de cal com que as cobriram. Dentre esses muitos compartimentos, que as nossas raparigas enchem com o seu vozear de gente nova, há dois salões a que farei referência especial. O primeiro, que me dizem ter sido a casa de jantar do palácio, era uma ampla divisão entre dois terraços com portas e janelas, de um lado voltadas para o Tejo e abrindo do outro para os jardins.

Infelizmente, uma parede divisória cortou-a a meio, e só um fogão de mármore, já mutilado, lhe põe ainda uma nota de certa beleza. E o terraço, que dava para o jardim, está hoje adaptado a uma desconfortável sala de aula.

O segundo era o salão nobre do palácio que, há dois anos, por exigência da excessiva frequência de alunas, foi também dividido por um tabique de madeira; este salão, cujas janelas dão para a

---

(1) *Madre Monfalim* — M.º Cezimbra.

(2) *Idem.*

Rua da Junqueira e ocupa a parte central do edifício, era outrora — no tempo em que nele se celebrou a festa do noivado de D. João da Câmara com D. Eugénia de Mello Breyner — ornamentado a toda a altura das paredes por belos espelhos de molduras doiradas, rematadas no alto com as armas dos Ribeiras. Devia ter também um candelabro muito grande, pois ao centro, ainda na abóbada se encontra a grade de ferro forjado, arrendada e circular que o sustentava.

Hoje, todo esse esplendor do salão nobre desapareceu, disperso pelo tempo, como desapareceu o mobiliário certamente valioso das restantes salas e quartos.

Finalmente ao fundo dum corredor estreito, no extremo da ala direita, encontra-se um quarto — a *câmara* como era designado pelos moradores — onde nasceram todos os filhos do 8.º Conde da Ribeira Grande, entre os quais o dramaturgo D. João da Câmara.

Tal como o quarto dos morangos, este consta de uma alcova semicircular e duma sala quadrangular. Muito claro e alegre, entra-lhe a luz por quatro janelas, duas das quais dão para o terraço. E para este terraço dá também uma pequena sala, que lhe fica contígua, mas que já não pertence ao Liceu, onde faleceu o autor de *Os Velhos*.

Nesta parte do palácio, hoje independente do resto do edifício, vive ainda uma filha do dramaturgo — Senhora D. Maria de Jesus Câmara a cuja amabilidade se deve o ter sido possível a pequena exposição que V. Ex.<sup>as</sup> vão ter ocasião de inaugurar. Com efeito, foi aquela Senhora que, a pedido da Senhora Reitora deste Liceu, dispensou a maior parte dos elementos que reunimos naquela sala — exposição que tem por fim dar às alunas deste Liceu oportunidade de conhecer quem foi o Poeta que nasceu, viveu, sonhou e morreu na casa que é delas também hoje, pois aqui passam grande parte das suas vidas e nela sonham também muitos dos sonhos da sua adolescência.

★

D. João Evangelista Gonçalves Zarco da Câmara era o 4.º filho dos Condes da Ribeira Grande, D. Francisco de Sales da Câmara e de sua primeira mulher, D. Ana da Piedade de Bragança, filha dos Duques de Lafões. Fez os seus estudos no Colégio dos Jesuítas em Campolide, onde já manifestou tendências para dramaturgo.

Tendo-lhe morrido o pai, em 1872, interrompeu o curso que frequentava na Universidade de Lovaina. Matriculou-se depois no Instituto Industrial de Lisboa e obteve o diploma de Conductor de Obras Públicas. Casou em 1871 com a filha dos Condes de Mafra, D. Eugénia de Mello Breyner.

Aceitou emprego na colocação das linhas do caminho de ferro o que o leva a viver, durante 10 anos, com o povo simples das nossas aldeias, sobretudo do Alentejo. Que esta convivência lhe foi proveitosa, prova-o o facto de ter localizado nesta província as suas duas obras de maior valia: *Os Velhos* e *Triste Viuvinha*.

Em 1888 aceita o lugar de Chefe da Repartição Central dos Caminhos de Ferro e fica definitivamente em Lisboa.

É desde então que começa a trabalhar com mais assiduidade nas suas obras literárias e a cultivar o gosto para o género dramático de que já dera provas.

A representação do drama histórico *D. Afonso VI*, em 1890, consagra-o como autor dramático. E seguem-se peças como *Alcácer-Quibir*, *Triste Viuvinha*, *O Beijo do Infante*, *Meia-Noite*, *Rosa Engeitada* e *Os Velhos*. Colabora com outros autores em revistas e operetas. Escreve artigos e traduz livros. E em 1895 aceita o cargo de cronista semanal na Revista *Ocidente*, de que se desempenha religiosamente até morrer.

E esta vida intensa termina aos 55 anos de idade, no segundo dia de Janeiro de 1908.

★

Esta rápida enumeração de factos não pode dar a conhecer o valor do artista nem a alma do cristão.

É necessário ler a sua obra. É necessário conhecer a ternura e a habilidade com que desenhou a gente simples como a «Emilinha» de *Os Velhos* ou as figuras complexas como o «D. Afonso VI» da peça do mesmo nome.

É necessário ler os seus contos, as suas crónicas, as suas cartas para o conhecer e admirar, como escritor e como homem.

No prefácio do livro *A Nossa Junqueira*, publicado pela Condessa de Povolide, neta de D. João da Câmara, Caetano Beirão diz o seguinte:

«As cartas trocadas entre ambos (D. João e sua mulher) durante forçadas e dolorosas ausências, desde 1875, são o espelho de duas almas puras que viveram só para o Bem. Encontramos, através delas, um João da Câmara desconhecido do grande público, todo ternura, amor de família, e escrúpulo. Não se podem ler essas cartas sem que os olhos se nos humedeçam.»

Entre os vários episódios, que dele se contam, há um que bem demonstra a generosidade de D. João da Câmara — o traço mais evidente da sua grande alma.

Diz um dos seus biógrafos:

«A representação de uma das suas peças, não das mais felizes, provoca uma crítica impiedosa de Beldemónio. E tão cruel era a apreciação que D. João da Câmara apesar da sua bonomia, do seu carácter pacífico, não pôde vencer a irritação que tais ataques lhe causaram. Indagou a morada do crítico, e, munindo-se de um grosso bengalão, trepou a íngreme calçada do Monte, disposto a fazer-lhe aos ossos, o que ele lhe fizera à peça.

Chegou enfim exausto, ofegante da caminhada pela tremenda ladeira. Procurou o número. Era uma casa pobre, um 2.º andar com uma janelinha. D. João da Câmara pegou na argola e deixou-a cair com estrondo sobre a porta carunchosa. Bateu primeiro, segunda e terceira vez. Por fim, a janela abriu-se e uma cabeça apareceu.

— Quem é?

— Sou eu, o João da Câmara que lhe quero partir os ossos, seu patife. A porta abriu-se e Beldemónio apareceu com uma criança nos braços.

— Ó D. João, sabe por que escrevi aquele artigo? Foi para dar de comer a esta criança.

O pequeno chorava, vendo o bengalão erguido como uma lança.

D. João da Câmara olhou para ele, olhou para Beldemónio, enfiou a mão na algibeira, tirou o dinheiro, que trazia, meteu-o na mão do seu adversário e foi-se sem dizer palavra...»

Era este o Homem a quem prestamos hoje a nossa homenagem, visitando a casa, que foi sua, contemplando os objectos e livros que foram seus ou lhe dizem respeito.

Oxalá esta pequena exposição possa contribuir para perpetuar o nome e o valor desse português que, como homem e como escritor, sempre deu honra à sua família e à sua terra.

# O MOSTEIRO de MARVILA

por RALPH DELGADO

**A** quinta em que se instalou o mosteiro de Marvila, pertencendo à antiga *Quinta de Marvila* da Mesa Pontifical, ficava colocada, no século XVII, entre o poço do Bispo, «limite desta cidade» (1), e a quinta de Lázaro Lopes de Almeida, ou fosse a *Quinta do Bettencourt* (2).

Estas confrontações deixam confirmar que o célebre manancial de água, outrora pertencente à quinta da Mitra (e este *outrora* entra nos alvares da Nacionalidade), já se encontrava independente dela, sob a alçada municipal, para efeitos de utilidade pública, nesta fase histórica da pequena propriedade terminal.

A utilização da referida fazenda para a instalação do novo mosteiro ficou a dever-se à intervenção, decisiva e interessada, do arcebispo Fernão Cabral, que a adquiriu, para essa finalidade, em hasta pública, pouco antes da sua doação à madre Brígida de Santo António, abadessa do Mocambo, em 16 de Junho de 1655, depois de compromisso formal assumido em Outubro do ano anterior. A referida religiosa fora a devotada autora da iniciativa.

---

(1) Expressão contida na escritura de doação de 16 de Junho de 1655, feita pelo arcebispo Fernão Cabral à abadessa Brígida de Santo António (Liv. n.º 182, pág. 47 v., do notário Manuel Coelho Ávila).

(2) Modernamente, *Quinta da Pedreira*.

No século XVII a quinta pertencera a Sancho de Faria e Silva<sup>(3)</sup>, que a adquirira, por sua vez, a Fernão Tinoco e a sua mulher, D. Violante Correia, em 16 de Dezembro de 1630<sup>(4)</sup>; e, depois, a seu filho, Manuel Fernandes Tinoco, em 19 de Novembro de 1632. Os Tinocos haviam herdado a propriedade, em 14 de Fevereiro de 1623, do cónego Manuel Pimentel; e este comprara-a a Paulo de Tovar e a sua mulher, D. Ana de Guterres, em 30 de Agosto de 1611. O foro devido aos enfiteutas da Mesa Arquiepiscopal era de 2000 réis, com laudémio de quarentena.

Anteriormente, supondo ter sido esta a quinta denominada *A Cabeça*, por ser a cabeça, realmente, da parte marginal do Tejo da centenária *Quinta de Marvila*, encaixada entre o poço do Bispo e o convento de São Bento, sujeita ao mesmo foro de 2000 réis, vemo-la subaforada, em 19 de Novembro de 1574, pelos enfiteutas daquela grande propriedade, a Margarida Nunes, casada com Manuel Rodrigues. Estes proprietários venderam a sua posição a Joana Fernandes, casada com Manuel Fernandes Barreto, tendo a consorte, depois de enviuar, vendido os seus direitos a Francisco de Queirós e a sua mulher, Eufémia de Moura. Por fim, estes senhorios do domínio útil venderam a quinta a Manuel Fernandes de Faro e a sua mulher, Antónia Paulo, que acabaram por transaccioná-la, em 26 de Maio de 1599, com Manuel de Vasconcelos, regedor das justiças do reino, enfiteuta do Arquiepiscopado<sup>(5)</sup>.

Não foi fácil obter licença régia para a fundação de mais essa unidade religiosa, em Lisboa: D. João IV opunha-se a ela por reputar a cidade cheia de conventos e mosteiros, quando havia aplicações financeiras de maior interesse público. Mas, uma doença do monarca, ocorrida em Salvaterra de Magos, e uma intervenção oportuna da rainha, D. Luísa, venceram a discordância justificada do Restaurador que, cedendo a instâncias contínuas, «livrou os vassallos do susto em que estavam», em virtude do seu mau estado de saúde<sup>(6)</sup>.

---

(3) Sancho de Faria já ali estava em 1642 (Liv. de baptismos dos Olivais, n.º 4, pág. 6).

(4) A. H. M. F., pasta 8, documentos n.ºs 15 e 33-IX-E-51.

(5) A. H. M. F., pasta 7, documento n.º 8-IX-E-50.

(6) *Breve relação da fundação e progressos do insigne mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Marvila de religiosas portuguesas da Ordem de Santa Brígida*, Lisboa, 1732, de Luís Caetano de Lima (Biblioteca Nacional, reservados, m. 70).

Pouco tempo decorrido sobre a obtenção da autorização superior, a madre Brígida de Santo António adoeceu gravemente, vindo a falecer em 29 de Junho de 1655. Foi a sua enfermidade, com consequente suspeição de se encontrar no fim da vida, que a levou a apressar a escritura do dia 16 do mesmo mês de Junho, isto é, de 13 dias antes da sua morte. A religiosa foi primeiramente sepultada em casas contíguas ao mosteiro da Esperança, mas, três meses depois, foi o seu cadáver trasladado para o mosteiro do Mocambo, ficando na casa do Capítulo.



*Porta principal da capela do mosteiro*

Antes do passamento da madre Brígida de Santo António procedeu-se à nomeação das fundadoras do mosteiro de Marvila, tendo a escolha recaído em soror Teresa de Jesus, soror Inês de São Sebastião e soror Aleixa de Santa Brígida. À cerimónia assistiram a duquesa de Aveiro e sua filha, D. Maria de Guadalupe, mais tarde duquesa dos Arcos, em Castela, e mãe de D. Gabriel Ponce de Leon,

duque de Aveiro, naquele reino. A escolha, porém, foi mal recebida pelos dirigentes da Ordem, por ser da sua competência fazê-la e não da madre Brígida, e este facto, apoiado à dúvida suscitada pela possibilidade de manter a nova casa religiosa, ergueu séria oposição à consumação da vontade expressa, nos últimos momentos, pela piedosa freira, que só a muito custo foi vencida.

Em 18 de Março de 1660, finalmente, estando tudo disposto para a clausura, em Marvila, para ali se transportaram as madres fundadoras do mosteiro, a fim de o porem a funcionar. A largada fez-se do mosteiro do Mocambo, na companhia de algumas senhoras da corte, que acompanharam as freiras nas audiências que lhes concederam a rainha, o rei e os infantes D. Pedro e D. Catarina, esta futura rainha da Grã-Bretanha; sendo o séquito aumentado com maior número de participantes da nobreza lisboeta, na travessia de Lisboa a Marvila, onde as religiosas foram recebidas pelos cónegos seculares de São Evangelista de São Bento, por frades do convento de São Francisco de Xabregas, pelo cabido e pelo prior-mor de Palmela, D. Manuel de Noronha, futuro Bispo de Coimbra.

No dia seguinte, de São José, foi celebrada missa solene e colocado o Santíssimo na capela nova do mosteiro (a actual), que substituiu a primitiva, menos favorecida. O mosteiro havia sido baptizado com o nome de Nossa Senhora da Conceição, conforme o desejo de Brígida de Santo António. A imagem da Virgem, feita por ordem do arcediogo Fernão Cabral, não só foi executada a primor, mas também se mostrou muito milagrosa, como se verificou, a certa altura, pela cura inesperada de uma filha do 1.º marquês de Marialva, dada como perdida. Também o cabido nomeou, para prelados do mosteiro, o citado arcediogo Fernão Cabral, Pantaleão Roiz Pacheco e António Faria da Silva, depois prior de Palmela. Estes prelados, por sua vez, proveram determinados cargos, da seguinte forma: soror Teresa de Jesus para abadessa; soror Inês de São Sebastião para priora e mestra da Ordem; e soror Aleixa de Santa Brígida para rodeira e porteira (7).

Para execução e manutenção da importante obra sonhada por Brígida de Santo António, cuja memória foi esquecida, em Marvila, contribuiu eficazmente, como dissemos, o tantas vezes citado arce-

---

(7) As fundadoras do mosteiro tiveram sepultura na sacristia da capela, ainda hoje conservada.

diago Fernão Cabral, assistido por seu irmão, Fr. Pedro de Santo Agostinho, do convento de São Francisco de Xabregas, que lhe administrava a casa. Este frade foi mais tarde nomeado Bispo de Constância, pelas suas qualidades, por D. Manuel de Noronha, seguindo, depois, para a capela de Vila Viçosa, escolhido por D. Pedro, sem nunca deixar de zelar, contudo, pelos interesses e projectos do irmão. Foi ele quem deu início à nova capela do mosteiro. Morreu em 1675.



*Corpo central do edificio, no pátio da entrada*

O mosteiro de Marvila só ficou totalmente concluído em 1680. A pintura e talha das capelas ficaram a dever-se a Roque Gonçalo da Rocha, que tinha duas filhas internadas; as capelas laterais a duas religiosas que exercitaram o cargo de sacristãs; e o pórtico, datado de 1725, a João Vicente dos Santos, «pai da Ordem Religiosa». Por uma inscrição gravada em azulejo, à direita do altar-mor, vê-se

que também fez obras no templo, à sua custa, em 1690, D. Isabel Henriques, herdeira de Diogo Lopes Torres, fidalgo da casa real.

Era o arcediogo Fernão Cabral, da Sé de Lisboa, natural do Algarve e filho de pais de conhecida nobreza de Portugal. A sociedade de então apreciou o grande zelo com que empregou a sua fazenda na primeira fábrica do mosteiro, quando apenas lhe haviam solicitado local para a sua edificação. Modesto por índole, recusou o título de padroeiro que lhe quizeram dar. No entanto, algum tempo depois da sua morte, ocorrida em 17 de Março de 1666<sup>(8)</sup>, por iniciativa do cardeal de Sousa, foram colocadas as suas armas no exterior da porta lateral do mosteiro, e ainda ali se encontram. O cabido assistiu e oficiou no enterro, e no 30.º dia da sua morte nas exéquias mandadas celebrar por seu irmão, que tiveram a maior solenidade e registaram a participação dos seculares de São Bento e de São Francisco de Xabregas, bem como de muitos nobres. Foi sepultado na capela primitiva do mosteiro e trasladado, depois, para a capela nova, sendo gravado, na pedra tumular, ao centro da nave, próxima da capela-mor, o seguinte epitáfio: «Sepultura do arcediogo da Sé de Lisboa, Fernão Cabral, fundador deste convento».

Além dos muitos cabedais que deu, em vida, para a materialização do pensamento da madre Brígida de Santo António, o arcediogo Cabral deixou ao mosteiro de Marvila, depois da sua morte, diversos e valiosos legados, como moradas de casas, em diferentes bairros de Lisboa, e terras diversas, «que foi preciso vender, por serem prazos foreiros».

Duzentos anos sobre a fundação da famosa casa religiosa, o inventário dos seus bens não traduzia, porém, possibilidades excessivas. Rezava assim: o convento e anexos, 16.000.000; a cerca do mosteiro, 384.000; terras de sementeira próximas, 269.000; casas da Rua de Marvila, 86.400; outras casas de andar, na mesma Rua de Marvila, 172.800; outro grupo de casas ainda na mesma artéria, 518.400; casas na Rua Direita do Poço do Bispo, estando instalada, numa delas, uma fábrica de sabão, com quintal, 10.050.000. Total: 27.480.600 réis<sup>(9)</sup>.

---

<sup>(8)</sup> Livro de óbitos dos Olivais n.º 4, pág. 51.

<sup>(9)</sup> A. H. M. F., pasta 79.

Este activo pagou de foros, até 1800, a quantia de 3.500 réis, ao marquês de Abrantes. Neste ano, contudo, mercê de uma escritura feita, em 30 de Outubro, com Bento Dias, com o ónus de 1.500 réis, a carga geral baixou para 2.000 réis. E, em 4 de Julho de 1807, uma subenfiteuse assinada com António Esteves Costa, negociante, relativa a um pedaço da quinta, que era foreira em 2.000 réis ao citado titular, diminuiu em 800 réis o referido encargo, pelo que as brígidias viram reduzidos os seus foros a 1.200 réis.

O poço do Bispo ficava «perto do muro das freiras, pelo que elas têm pretensões sobre a sua propriedade, dizendo estar em terreno seu» — escreveu, em 1851, José Sérgio Veloso de Andrade<sup>(10)</sup>. A má qualidade da água da nascente e a concorrência de outros poços mais favorecidos deviam ter desvalorizado, por essa altura, o célebre manancial da Mesa Pontifical e, daí, a atitude das religiosas, que se apoiava na verdade dos factos. O poço pertencera, com efeito, à velha *Quinta da Mitra*. Simplesmente fora municipalizado, muitos anos antes (já assim estava em 1607), fornecendo «a única água pública que ali existe»<sup>(11)</sup>, pelo que os direitos dos Figueirós e sucessores haviam, como é lógico, caducado.

O mosteiro de Marvila foi suprimido por decreto de 11 de Abril de 1872, sendo estabelecida uma pensão de 120.000 réis para as religiosas sobreviventes, D. Eugénia de Nossa Senhora e D. Maria do Amor Divino, as quais residiam, então, no convento de Santa Clara, em Santarém, autorizadas a deslocar-se nos termos do aviso régio de 9 de Janeiro de 1850<sup>(12)</sup>. Depois, por carta de lei de 10 de Abril de 1874, o Governo ofereceu as instalações para o Asilo D. Luís I, fundado em 1861, com um legado testado pelo comendador Manuel Pinto da Fonseca. O Governo também tomou posse, em 20 de Abril do referido ano de 1872, das instalações e quintal em que funcionava a fábrica de sabão, na actual Rua do Açúcar, arrendados à Companhia dos Tabacos da Fábrica de Xabregas, por 700.000 réis mensais, valores vendidos, no mês de Novembro, em hasta pública.

Por outro lado, em obediência ao alvará de 27 de Fevereiro de 1873, a capela, as imagens, as alfaias e os paramentos foram

---

<sup>(10)</sup> *Memória sobre chafarizes, bicas, fontes e poços públicos de Lisboa, Belém e muitos lugares do termo*, de José Sérgio Veloso de Andrade, pág. 169.

<sup>(11)</sup> *Lisboa de lés a lés*, de Pastor de Macedo, vol. iv, pág. 175. O poço está colocado dentro do lavadouro municipal, da Rua Direita de Marvila.

<sup>(12)</sup> A. H. M. F., pasta 79.

entregues à Junta de Paróquia da freguesia de Santa Maria dos Olivais, acto só verificado em 23 de Junho.

Em 1911, o nome do asilo foi substituído pelo de *Asilo Manuel Pinto da Fonseca*. E, em 1928, vagando a casa, por o asilo ter sido transferido para Porto Brandão, nela foi instalado o *Asilo dos Velhos de Campolide*, com secção para cegos de ambos os sexos <sup>(13)</sup>. O edifício tem capacidade para albergar cerca de 500 internos. Actualmente, no portão do corpo central do pátio de entrada, vê-se a legenda de *Asilo de Velhos de Marvila*.



*Brasão do arcediogo Fernão Cabral  
sobre o portão lateral do edifício*

O pátio inicial, com tanque e duas palmeiras, em que figuram dois corpos laterais lançados sobre a Rua Direita de Marvila e unidos, ao fundo, por um corpo central, antigamente com arcaria; o átrio, com o busto de Manuel Pinto da Fonseca, de tecto pintado, vendo-se ainda, no meio, a indicação de *Asilo de D. Luís I*; o claustro, a seguir, inundado de luz, mas de proporções modestas, rodeando um outro pátio ajardinado, com tanque também pequeno; azulejos no refeitório primitivo e pelas paredes das camaratas e da escadaria; eis,

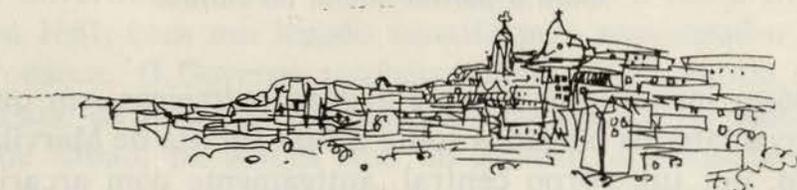
<sup>(13)</sup> *Peregrinações em Lisboa*, de Norberto de Araújo, vol. 15, pág. 80.

a traços largos, as notas mais salientes de um prédio que sofreu, como é óbvio, obras de adaptação e de ampliação, depois de ter cumprido a sua missão religiosa por mais de 200 anos.

Quanto à capela do velho mosteiro (a segunda), colocada no corpo avançado da direita do primeiro pátio, tem por orago, como é já sabido, Nossa Senhora da Conceição.

É um templo bastante amplo, rico de talha dourada, com silhares de azulejo na nave, representando cenas diversas; e, por cima, de ambos os lados, quadros alusivos à Virgem, atribuídos a Bento Coelho da Silveira, quase sumidos, a suplicar restauração<sup>(14)</sup>. Em 1833, ainda possuía três capelas da parte do Evangelho e duas da parte da Epístola. Uma delas era dedicada a Nossa Senhora da Piedade, cuja história é digna de leitura<sup>(15)</sup>. Hoje regista, apenas, duas, ou dois altares, dedicados a nossa Senhora de Fátima (o da direita) e ao Sagrado Coração de Jesus (o da esquerda).

Reaberto ao culto, depois de longo período de encerramento, o templo do extinto mosteiro dos brígidas pertenceu à jurisdição dos Olivais, até à criação da paróquia de Marvila, no ano de 1959, a que serve de igreja matriz.



(14) *Monumentos Sacros de Lisboa*, de Luís Gonzaga Pereira, pág. 238.

(15) *Santuário Mariano*, de Fr. Agostinho de Santa Maria, vol. 7, pág. 171.

# RELATÓRIO

## DA

### JUNTA DIRECTIVA

relativo ao ano de 1964

Ex.<sup>mos</sup> Consócios:

Nos termos do art. 33.º dos nossos Estatutos vem a Junta Directiva apresentar a V. Ex.<sup>as</sup> o Relatório sumário do ano findo.

Existiam em 1-1-1964... ..	1116	sócios
Foram admitidos durante o ano... ..	29	
Foram readmitidos ... ..	7	36 »
	1152	»
No mesmo período foram demitidos ...	50	
Faleceram ... ..	25	75 »
	1077	»

Os sócios falecidos foram :

- 84 — Teodoro Lopes Ramos
- 115 — Luiz Bourbon F. O. Menezes Pita
- 490 — Dr. José Duarte Ayala Boto
- 540 — Justino Henrique Hers
- 567 — Dr. Francisco Martins
- 627 — Joaquim Raul da Silva Pereira
- 649 — Alberto do Espírito Santo
- 660 — Prof. Doutor Francisco Gentil
- 829 — José dos Mártires Pessoa da Luz
- 921 — José Mayer
- 970 — José Lucílio Leite d'Araújo
- 988 — Henrique Moreira
- 1219 — José de Sommer Ribeiro
- 1271 — Cap. Marcelino Maia
- 1280 — Eugénio da Silva Quilhó
- 1514 — Augusto Homem de Mello
- 2016 — Eduardo Cohen
- 2029 — Dr. Luís M. Galhardo
- 2080 — Otto Wang
- 2154 — D. Elvira Capucho
- 2708 — Ermelindo Marques Saldanha
- 2812 — Dr. Luís de Pina Manique
- 2983 — D. Alice Leopoldina Mac-Bride Torres
- 3110 — D. Ema da Luz Henriques
- 3450 — Escultor Raul Xavier

De todos os falecidos, que todos nos merecem a máxima consideração e deixaram muita saudade, devemos especializar, sem qualquer espécie de possível melindre, o primeiro e o mais antigo de todos, o sócio fundador n.º 84, Sr. Teodoro Lopes Ramos, a quem já o nosso Boletim prestou homenagem devida e que depois de ter feito parte da Comissão de Contas, quando faleceu era o Vice-Presidente

da Mesa da Assembleia Geral e que foi grande benemérito do nosso Grupo.

A actividade cultural do Grupo desenvolveu-se conforme consta dos boletins publicados durante o ano.

Está no prelo o OLISIPO n.º 109. O Boletim sempre tem sido publicado regularmente e gratuitamente distribuído aos sócios. É de referir, com agradecimento, a colaboração graciosa no OLISIPO, de todos, particularmente a do nosso consócio Dr. J. A. Videira na parte artística, e a do Sr. António Zacarias da Silva no «Inventário», da Feira da Ladra.

As realizações culturais que sempre acarretam despesas, como no ano anterior, conseguiu-se que desse um saldo positivo este ano de Esc. 3.046\$80.

O número de ofícios expedido durante o ano andou à roda de 400, não incluindo memorandos, cartões e pequenas notas.

No capítulo de ofertas que, aliás, têm sido publicadas no OLISIPO, temos que referir, além do citado no OLISIPO n.ºs 105, 107 e 108, uma medalha de prata comemorativa do cinquentenário da Faculdade de Direito de Lisboa, pelo sócio n.º 3476, Dr. Miguel Gentil Quina, e uma medalha de prata e outra de bronze comemorativas do centenário do Banco Nacional Ultramarino, oferta da respectiva Administração.

Durante o ano encarámos a necessidade de beneficiar o nosso salão, para o que encetámos diligências levadas a bom êxito.

Realizaram-se as obras, tendo o mesmo ficado em condições de ser aproveitado para exposições sem as paredes sofrerem com isso. Em boa hora um sócio recente arcou com as responsabilidades, oferecendo ao Grupo Esc. 15.000\$00, que custearam as obras realizadas. Esse sócio foi o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Miguel Gentil Quina que, a despeito de durante o próprio ano se ter inscrito como sócio, quer nesta oferta, quer no grande número de aquisições e outras ofertas e ainda na autorização da concessão de anúncios para o Boletim, de empresas que dirige e orienta, bem merece a gratidão do Grupo e uma palavra de referência.

A propósito das obras no salão, recebemos amável colaboração da Secção Técnica da Fundação Espírito Santo, particularmente do seu Director Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Guilherme Possolo.

As contas patentes e em ordem, como se vê pelo Balanço e Conta de Resultados que junto se publica, falam por si:

## B A L A N Ç O

Contas	Activo	Passivo
Móveis e Utensílios ... ..	23.174\$20	
Consignatários da Feira do Livro ... ..		128\$00
Emblemas ... ..	96\$00	
Consignação de c/ Própria... ..		4.214\$00
Devedores e Credores c/ Consignação ... ..	4.233\$85	63.339\$95
Devedores e Credores ... ..	10.873\$40	31.266\$67
Caixa ... ..	1.206\$45	
Olisipo ... ..	13.828\$50	
Biblioteca ... ..	9.691\$82	
Consignação de c/ Alheia ... ..	64.817\$12	
Edições ... ..	3.958\$17	
Valores à Cobrança ... ..	373\$00	
Obras no Salão ... ..		5.082\$80
Fundo Variável ... ..		33.262\$71
Resultado do Exercício... ..	5.041\$62	
	137.294\$13	137.294\$13

### Conta de Resultados do Exercício de 1964

Contas	Débito	Crédito
Contribuições ... ..	1.131\$00	
Emblemas ... ..		22\$00
Receitas Diversas ... ..		180\$95
Cotas ... ..		134.540\$00
Olisipo ... ..	23.324\$10	
Consignação de c/ Alheia ... ..		9.323\$35
Edições ... ..		2.171\$93
Cartões de Identidade ... ..		100\$00
Gastos Gerais ... ..	131.591\$55	
Realizações Culturais ... ..		3.046\$80
Jóias ... ..		1.620\$00
Resultado do Exercício... ..		5.041\$62
	156.046\$65	156.046\$65

Como mera nota de referência explicativa há que mencionar os aumentos das despesas, renda da casa, material, tipografia, etc., sem contrapartida nas receitas ordinárias que diminuíram no ano findo. Foi no entanto satisfatória quanto aos lucros havidos a nossa actividade livresca.

A digna Comissão de Contas prestou-nos sempre o seu auxílio e proveitosa assistência e o seu Secretário, Sr. Higino Nunes da Silva, continuou obsequiosamente a orientar e a dirigir os serviços de contabilidade e escrita, que a nossa funcionária da Secretaria continua a ter a seu cargo.

Reservamos as propostas e votos costumados para o nosso relatório do triénio, de que este é o primeiro ano; não queremos, porém, deixar de propor um voto de sentimento pelos sócios falecidos e de agradecimento à Imprensa, Rádio e Televisão pelo auxílio que têm prestado às nossas realizações.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1964.

#### A JUNTA DIRECTIVA

O PRESIDENTE

*Prof. Doutor Fernando Freitas Simões*

O VICE-PRESIDENTE

*Dr. Álvaro do Amaral Barata*

O SECRETÁRIO-GERAL E RELATOR

*Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves*

O SECRETÁRIO-GERAL ADJUNTO

*Dr. Alberto Gomes*

O DIRECTOR TESOUREIRO

*Hugo Raposo*

VOGAIS

*Coronel Anibal Afra Nozes*

*Eng. Júlio Eduardo dos Santos*

*Fernando Dias Pereira*

*Dr. Paulo Gustavo Caratão Soromenho*

*PARECER*  
da  
COMISSÃO DE CONTAS  
relativo ao exercício de 1964

Ex.<sup>mos</sup> Consócios:

Como nos cumpre, vimos trazer à apreciação de V. Ex.<sup>as</sup> o parecer desta Comissão Fiscal, no que diz respeito às contas do exercício findo em 31 de Dezembro último, a cujas verbas principais se refere, no seu relatório, a nossa Junta Directiva, bem como ao que de mais importante se passou no citado período.

É de realçar o substancial donativo de Esc. 15.000\$00, concedido por um dos nossos mais recentes consócios, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Miguel Quina. É pena que esse generoso gesto não seja seguido por mais alguns de tantos dos nossos Ex.<sup>mos</sup> Consócios, em condições de o poder fazer.

À nossa Junta Directiva juntamos o nosso sentir pelo falecimento dos nossos Consócios, de cujo elevado número devemos destacar Teodoro Lopes Ramos, sócio fundador e elemento de grande préstimo, em todas as horas.

Continua a ser de lamentar o decréscimo que vai sofrendo a nossa carteira associativa, que em 31 de Dezembro p. p. ficou representada pelo reduzido número de 1.077 sócios.

A diminuição de receitas e, por outro lado, o aumento de despesas, é uma verdade bem digna de ponderar.

Dando por findas as pequenas considerações, temos a honra de propor, à Assembleia Geral, a aprovação do seguinte:

- a) do Relatório e Contas relativo ao exercício de 1964;
- b) de um voto de louvor à Junta Directiva, pela sua demonstrada dedicação e pela forma zelosa como sempre dirigiu os interesses da Colectividade;
- c) de um voto de agradecimento ao nosso Ex.<sup>mo</sup> Consócio Dr. Miguel Quina, pelo generoso auxílio que prestou ao nosso Grupo;
- d) a autorização da transferência de «Fundo variável» para a conta «Resultado do Exercício», da quantia de Esc. 5.041\$62.

Lisboa, 5 de Janeiro de 1965

#### A COMISSÃO DE CONTAS

O PRESIDENTE

*Mário Costa*

O SECRETÁRIO

*Higino Nunes da Silva*

O RELATOR

*Dr. Francisco G. do Couto Santos*

# ACTIVIDADE CULTURAL

*do primeiro trimestre de 1965*

**E**M Janeiro, a 29, reuniu-se a Assembleia Geral Ordinária para aprovação dos relatórios da Junta Directiva e da Comissão de Contas que foram aprovados, bem como as respectivas contas. Estas e os relatórios referidos são publicados neste número. Nessa Assembleia Geral foram por unanimidade aprovados sócios honorários o jornal *Diário de Notícias*, a propósito do seu centenário, e Sua Excelência o Senhor Presidente da República, natural de Lisboa. Oportunamente a ambos os novos sócios honorários foi comunicado o facto. Em outro local se relatam estas comunicações.

Em 4 de Fevereiro, realizou-se a 51.ª sessão de «Colóquios Olisiponenses» em que o Director Sr. Eng. Júlio Eduardo dos Santos forneceu notas sobre alguns escritores lisboetas falecidos. Referiu-se especialmente a Manuel de Galhegos e António Pedro Lopes de Mendonça falecidos, respectivamente, há 300 e 100 anos. Foi também focada a necessidade de se inventariarem vários imóveis de valor, existentes em Lisboa e que estão insuficientemente estudados.

A 11 e 18 de Fevereiro, realizaram-se, por turnos, visitas à Fábrica de Chocolates Regina, a Santo Amaro. A essas visitas, que foram acompanhadas pelo Prof. Dr. Raul de Carvalho e Doutor Eduardo Neves, compareceu grande número de associados, os quais muito apreciaram as instalações e foram amavelmente obsequiados pela Administração da Fábrica.

A 7 de Março, deslocou-se o Grupo ao Liceu Rainha Dona Amélia, instalado no Palácio dos Condes da Ribeira, à Junqueira. Números membros dos Corpos Gerentes, muitos sócios e grande número de senhoras ouviram uma resenha da história do palácio feita pela Professora Dr.<sup>a</sup> D. Jorgete Costa e foram acompanhados pela Reitora Dr.<sup>a</sup> D. Marieta dos Remédios na visita às aulas e a uma exposição da vida e obras do escritor D. João da Câmara, nascido e falecido no palácio. À visita compareceram vários descendentes de D. João, entre eles sua Filha D. Maria de Jesus que, com proecta idade, reside em parte do palácio. Os objectos expostos na referida sala foram cedidos pela Senhora D. Maria de Jesus. As palavras proferidas pela Professora Dr.<sup>a</sup> D. Jorgete Costa serão publicadas neste número. Seguidamente os visitantes deslocaram-se até à outra ala do palácio, onde está instalada a antiga capela, hoje propriedade do Sr. Dr. José Rino Avelar Fróis, que amavelmente os recebeu e elucidou sobre a história e recheio da capela. Foi uma visita altamente evocativa pois que a não ser a fachada do palácio e a capela, nada mais resta do seu recheio e interiores onde o liceu está pèssimamente instalado, com grande sacrifício do seu ilustre corpo docente.

Nos dias 6, 14 e 21 de Março, a convite da Fundação Gulbenkian, os sócios do Grupo, em turnos de 15 pessoas, dois turnos em cada dia, guiados pela Sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Veloso Salgado e pelo Sr. Artur Casais, visitaram no Museu de Arte Antiga a Exposição de Arte do Oriente Islâmico. Foram acompanhados por vários directores do Grupo e a todos despertou vivo interesse, não só a exposição em si como também as indicações fornecidas que tanto a valorizaram.

Na quinta-feira, 25, à noite, realizou-se na sede uma sessão de projecção de fotografias a cores sobre o Tejo e arredores de Lisboa. A notável colecção projectada é propriedade do nosso consócio n.º 2324, Sr. Albert Schmidt. Foi apresentada com gravação sincronizada de palavras de apresentação e música a propósito, do que resultou uma encantadora e magnífica noite de arte, como o signatário teve ensejo de referir nas palavras com que fechou e agradeceu a exibição.

Também na sede, na tarde de 27, abriu uma exposição de óleos, aguarelas e pastel da autoria do pintor de arte lisboeta o nosso consócio Narciso Alfredo de Moraes, em que se exhibiram numerosos e interessantes trabalhos de que se publicou um catálogo e que trouxe à nossa sede grande número de visitantes. Avulta entre a obra exposta um óleo que representa a antiga Praça da Figueira e grande número de apontamentos sobre Alfama, Mouraria e sítios populares de Lisboa.

O Grupo fez-se representar, por especial convite, na cerimónia da posse de presidente de honra da Sociedade de Escriitores e Compositores Teatrais Portugueses, do jornalista Sr. Dr. Augusto de Castro, pelo Director Secretário-Geral.

E. N.





# Feira da Ladra



## FICHEIRO

### 21. Associação de Beneficência Luís Braille

A mais antiga das associações de invisuais, em Lisboa, foi fundada, entre outros, por Estêvão Pereira Guimarães, Augusto Marques e Manuel F. Braga, em 25 de Julho de 1927, tendo a sua sede no n.º 86-1.º da Rua de S. José.

A ideia fundamental, que animou esses pioneiros da causa dos invisuais e se tem mantido ao longo de 38 anos, foi a de assistir aos cegos, proporcionando-lhes apoio moral e material.

Além da assistência aos mais carecidos, tornada possível pela oferta de géneros alimentícios e medicamentos, a que se junta metade dos lucros obtidos com a realização de diversas festas, destaca-se a acção cultural proporcionada pela biblioteca constituída por mais de um milhar de obras literárias, 260 sobre música clássica e mais de 3600 peças de música ligeira, escritas em «Braille». Entre as obras literárias existem algumas das mais representativas obras de

Eça de Queirós, Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro, etc.

Mantém a Associação aulas de «Braille», de curso liceal, para afinadores de piano, etc.

A sua população associativa é constituída por cerca de três centenas e meia de invisuais e de três mil protectores.

### 22. Casa de Figueiró dos Vinhos

No primeiro andar do n.º 45 do Largo do Intendente Pina Manique, encontra-se instalada a Casa de Figueiró dos Vinhos, organização regionalista que agrupa naturais dos concelhos de Castanheira de Pêra, Figueiró dos Vinhos e Pedrógão Grande, radicados em Lisboa.

Proporcionando aos seus associados e familiares diversos actos culturais e recreativos, tem também à sua disposição uma biblioteca com mais de três mil volumes, cuja leitura pode ser efectuada na sede ou domiciliária.

Fundada em 19 de Abril de 1937 e visando o engrandecimento e propaganda da região, tem levado a cabo várias iniciativas, das quais se destacam a sua participação no centenário de José Malhoa, que em Figueiró dos Vinhos teve um seu *atelier* — «O Casulo»; uma festa a favor da Casa da Criança «Rainha D. Leonor», existente em Castanheira de Pêra, e um festival de bene-

ficência no Coliseu dos Recreios em 1957, a favor dos Hospitais de Figueiró dos Vinhos e Castanheira de Pêra.

Não menos importante é também a beneficência aos conterrâneos mais carecidos.

### 23. *Escola-Oficina n.º 1*

Em 5 de Novembro de 1876, com a assistência do rei D. Luís, da rainha D. Maria Pia e outras entidades, entre as quais o ministro Rodrigues Sampaio que se notabilizou como jornalista — o *Sampaio da Revolução* — inaugurou-se a primeira creche no Largo do Outeirinho da Amendoeira.

Era a primeira realização de uma grande obra, sonhada por José Gregório de Rosa Araújo, alma de eleição, sempre pronto a socorrer os menos favorecidos e a pugnar por uma política de dignificação social que, aglutinando boas e dedicadas vontades, tornou possível a Associação Promotora de Creches, com estatuto aprovado em 27 de Junho de 1876.

A Creche iniciou a sua acção com 18 crianças de idades compreendidas entre um mês e os quatro anos, e todas filhas de pais de parcos recursos.

A Câmara Municipal de Lisboa, penetrada do valor da obra, cedeu à Associação o terreno necessário para a construção de um edifício no Largo da Graça, o qual foi solenemente inaugurado em 10 de Novembro de 1878, então com a designação de Creche de Santa Eulália, terna homenagem à mãe de Rosa Araújo.

A rua adjacente, que liga o Largo da Graça ao Largo de S. Vicente, deu a

Câmara Municipal o nome de Rua da Infância ainda em homenagem ao labor da Creche, artéria que, mais tarde, por proposta do operário vereador sr. Feliciano de Sousa, tomou a designação de Rua da Voz do Operário, assim consagrando a também benemérita Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário, cuja sede se situa nessa artéria, num majestoso edifício projectado pelo architecto Joaquim Norte Júnior e cuja primeira pedra foi colocada em 13 de Outubro de 1912 pelo primeiro Presidente da República, Senhor Dr. Manuel de Arriaga.

Com mais de 500 sócios, a Creche de Santa Eulália abrigava 50 crianças em 1881.

A ideia de se fundar uma escola a par da creche em 1902 criou dificuldades financeiras que levaram à eliminação da Creche, tendo alugado o edifício à Provedoria do Asilo Municipal, fixando-se então a sede na Rua dos Remédios, 164-1.º.

Em 26 de Abril de 1904 a assembleia geral alterou o nome da instituição para Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas, instalando-se em 1 de Janeiro de 1905 na Rua de S. João da Praça, 83-2.º, onde inaugurou a Escola-Oficina n.º 1, já com aulas de Desenho, Modelação e Escultura em Madeira.

O interesse despertado pela iniciativa conduziu ao regresso à sua antiga sede do Largo da Graça n.º 58, em 1906, ampliando a sua acção, onde veio a criar-se o teatro escolar e o tipo de associação escolar portuguesa designado por «Solidária», fundada pelos alunos em 13 de Fevereiro de 1909. Em 1 de Maio de 1910 instituiu-se a cantina.

Em 20 de Junho de 1912 nova assembleia dá-lhe a designação de Sociedade Promotora de Escolas, com um plano de estudos com seis graus, correspondendo na prática a um ciclo de seis anos.

Em 1913 foi organizada a primeira Colónia de Férias.

Actualmente — como em todos os estabelecimentos de ensino similares — o programa é o oficial, dos quatro anos,

optando pelo ensino do sexo feminino em 1941, perante o diploma que exigia a opção de sexos.

A par da Escola e da Cantina, a Escola-Oficina n.º 1 mantém uma magnífica Biblioteca Infantil que, mercê de dedicada, generosa e inteligente orientação, é uma obra modelar.

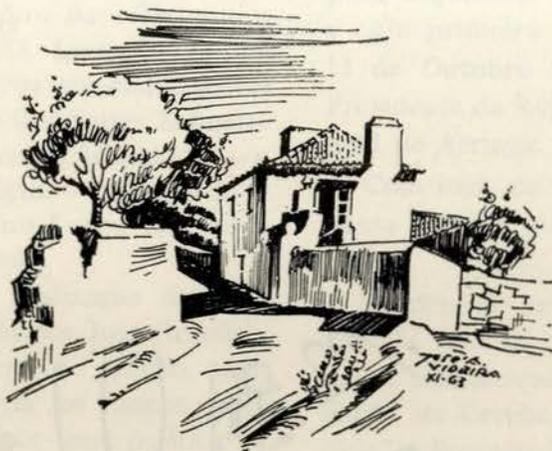
*Zacarias da Silva*



## Oferta:

A Casa «Entrepósito Industrial do Minho, Lda.» oferece aos sócios do Grupo sobre os produtos do seu comércio, quando requisitados no Grupo:

Um desconto sobre lanifícios e confecções para homem e senhora, que vai de 10 a 20 %.



### *Rectificação ao artigo*

## NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA NA DEVOÇÃO MARÍTIMA

publicado no n.º 108 deste Boletim OLISIPÓ (Outubro de 1964)

A páginas 172, diz-se que o Comandante da nau «Nossa Senhora das Brotas» caiu ao mar em 1756, salvando-se por se ter encomendado à protecção de Nossa Senhora da Penha de França, quando este facto se deu, não com o Comandante mas com o cabo de esquadra da Armada Real Matias Simões, da guarnição do mesmo navio. Esta rectificação é extensiva à legenda da 2.ª gravura da página seguinte.

J. I.

# CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

D. S. C. C.

Secção de

PROPAGANDA E TURISMO

*Publicações turísticas*

---

## MONOGRAFIAS DE ARTE E TURISMO

<i>Igrejas e Mosteiros de Lisboa</i>	por Matos Sequeira
<i>Castelo de S. Jorge</i>	por Costa Garcez
<i>Esculturas de Lisboa e Museus de Lisboa</i>	por Fernando Castelo Branco
<i>Janelas de Lisboa</i>	por Ferreira de Andrade
<i>Chafarizes de Lisboa</i>	por Luís Chaves
<i>Portas e Brasões de Lisboa</i>	por Luís Ferros Ponce de Leão
<i>O Tejo</i>	por Mário Pires
<i>Parque Municipal de Turismo e Campismo</i>	por Janine Quintin e João Pina Vidal
<i>Monumentos de Lisboa</i>	por Maia Athayde
<i>Estufa Fria</i>	por Jean Chabloz
<i>Arredores de Lisboa</i>	por Esther de Lemos e Maia Athayde
<i>Miradouros de Lisboa</i>	por João Pina Vidal
<i>Jardins de Lisboa</i>	por Natércia Freire

Ao preço de 7\$50 cada



## OUTRAS PUBLICAÇÕES

<i>Lisboa</i> , de Luís Teixeira	Ao preço de	15\$00
<i>Lisboa - Roteiro Turístico</i>	» » »	12\$50
<i>Lisboa - Cidade de Turismo</i>	» » »	150\$00
<i>Lisboa e os seus encantos</i>	» » »	25\$00

Na

# LIVRARIA PORTUGAL

... encontra V. Ex.<sup>a</sup> livros sobre  
todos os assuntos escritos nas  
principais línguas europeias

Damos informações biblio-  
gráficas e aceitamos enco-  
nendas para todos os países

## LIVRARIA PORTUGAL

Rua do Carmo, 70 - 74

Telefones: 3 05 82 - 3 05 83 - 32 82 20

Secção de revenda e armazéns Rua da Oliveira ao Carmo, 21-23

LISBOA - 2

## E. Pinto Basto & C.<sup>a</sup>, Lda.

LISBOA

TRANSPORTES  
MARÍTIMOS  
E AÉREOS

AGÊNCIA DE TURISMO

CARVÃO, SEGUROS  
REPRESENTAÇÕES  
(Industriais, etc.)  
FOLHA DE FLANDRES  
E AÇÓS  
EXPORTAÇÕES  
IMPORTAÇÕES

No Porto:

Kendall, Pinto Basto & C.<sup>a</sup>, Lda.

A

## LEGAL & GENERAL

*agradece aos*

«AMIGOS DE LISBOA»

*a preferência que lhe têm  
dado para os seus  
contratos de seguros*

Capital e Reservas

**550 MILHÕES DE LIBRAS**

CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.<sup>o</sup> — LISBOA

## COMPRAMOS

LIVROS DE BONS AUTORES

Grandes e pequenas quantidades

**LIVRARIA «ECLÉTICA»**

Calçada do Combro, 58

Telef. 32 86 63

LISBOA

# PARA A SUA VIAGEM DE RECREIO

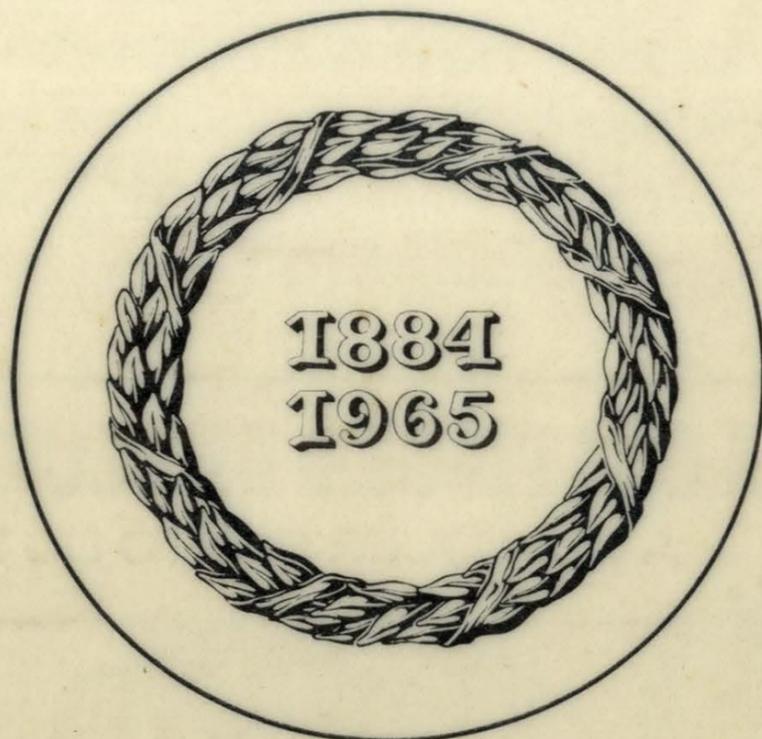
A QUALQUER PONTO DO PAIS

**NOVOS  
AUTOCARROS  
AO SERVICO  
DO TURISMO**

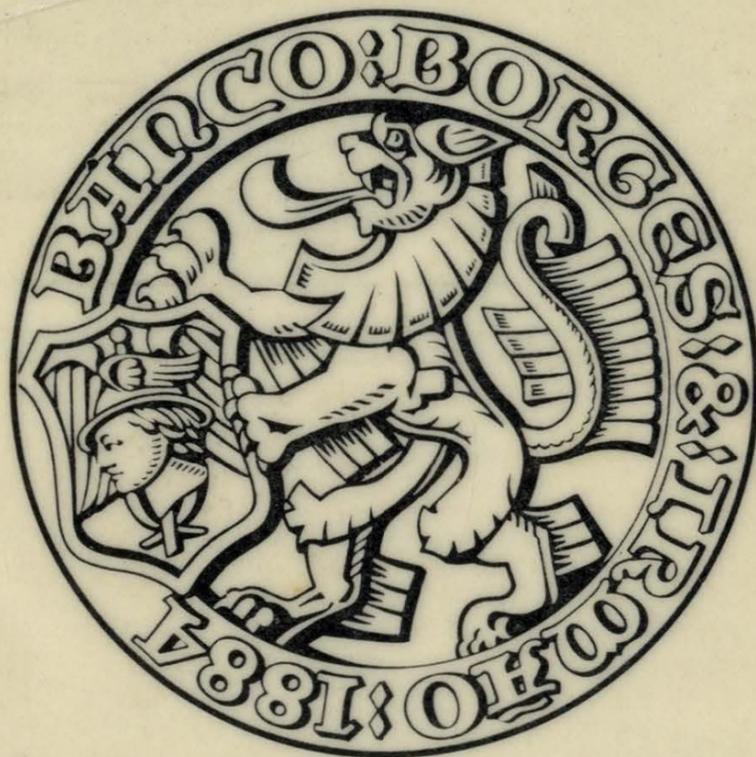


CONSULTE A  SERVICOS DE ALUGUER - SANTO AMARO, TEL. 632021

TRADIÇÃO  
E  
PROGRESSO



**BANCO BORGES & IRMÃO**



PORTO - Rua de Sá da Bandeira, 12  
LISBOA - Largo de S. Julião, 6  
AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS